

DEUS E PÁTRIA

BOLETIM APPROVADO E ABENÇOADO POR SUA EX.^a REV.^{ma} O SENHOR ARCEBISPO BRIMAZ

Director, Editor e Administrador — *Avelino Alves Sampaio*

DACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Belinho — ESPOZENDE

PROPRIEDADE DA EMPREZA — DEUS E PÁTRIA

Composto e impresso na Typographia Vizeense — Rua Silva Gayo, 42 a 46 — VIZEU

O EVANGELHO

Domingo da sexagesíma

N'aquelle tempo, como o povo se juntasse em multidão e corresse de todas as cidades para Jesus, disse-lhe Elle em parábola:

Sahiu o que semeia, a semear o seu grão: e ao semea-lo, uma parte cahiu junto ao caminho, e foi pisada, e a comeram as aves do ceu.

E outra cahiu sobre pedregulho: e quando foi nascida se seccou, porque não tinha humidade.

E a outra cahiu entre espinhos, e logo os espinhos que nasceram com ella, a affogaram.

E outra cahiu em boa terra: e depois de nascer, deu fructo, cento por um. Dito isto começou a dizer em alta voz: Quem tem ouvidos de ouvir, ouça.

Então os seus discipulos lhe perguntaram, que queria dizer esta parábola,

Elle lhes respondeu: A vós foi-vos concedido conhecer o mysterio do reino de Deus, mas aos outros se lhes falla por parabolias: para que vendo não vejam, e ouvindo não entendam.

E' pois este o sentido da parábola:

A semente é a palavra de Deus.

A que cahe á borda do caminho, são aquelles que a ouvem: mas depois vem o diabo, e tira a palavra do coração d'elles, para que não se salvem crendo.

Quanto á que cahe em pedregulho: significa os que recebem com gosto a palavra quando a ouvirem: e estes não téem raizes: porque até certo tempo crêem, e no tempo da tentação voltam atraz.

E a que cahiu entre espinhos: e estes são os que a ouviram, porém indo por deante, ficam suffocados dos cuidados e das riquezas e deleites d'esta vida, e não dão fructo.

Mas a que cahiu em boa terra: estes são os que, ouvindo a palavra com coração bom, e muito são, a retêem e dão fructo pela paciencia.

(Do Evang. de S. Lucas, cap. VIII, 4r15)

REFLEXÕES

Não careco de explicação o que tão claramente foi explicado por Jesus, Sabedoria eterna. Mas tão linda e expressiva parábola da semente leva-nos a fazer algumas considerações opportunas sobre a palavra de Deus e sobre as disposições com que devemos ouvi-la.

CAPITULO I

O que é a palavra de Deus?

Geralmente dá-se este nome ás verdades sobrenaturaes que Deus, por sua infinita misericordia, nos revelou, quer por meio dos patriarchas e prophetas, quer pelo seu proprio Filho, Jesus Christo Nosso Senhor.

Tudo o que se sabe acerca das perfeições e vontades divinas, acerca de Deus e da sua vida intima, acerca do homem e dos seus destinos, tudo isso foi revelado por Deus.

Que admiravel thesouro de conhecimentos que pela nossa razão, pelo nosso esforço pessoal, nunca chegariamos a possuir! Conhecimentos certos, que não permitem duvidas, pois vêm da Sabedoria Eterna; conhecimentos verdadeiros; sem mistura de erro, porque provêm da Summa Verdade, que é Deus.

A palavra divina exerce benéfica accção na nossa intelligencia, esclarecendo-a; na nossa vontade, dirigindo-a para o bem, para a virtude, para o amor de Deus e do proximo.

Sabe mais uma criança que conhece as respostas do Catecismo, summa da divina revelação, do que os maíres sabios que porventura as ignorem, pois sabe o que mais importa ao homem saber, conhece a razão suprema de todas as coisas, a sua origem e o seu destino, sabe o que ninguem poderia saber por si mesmo, ainda que visse milhares d'annos.

E ao mesmo tempo, uma só maxima ou preceito moral do Evangelho vale mais para a formação da vontade, para o exercicio da virtude, do que todas as maximas dos moralistas e philosophos de todos os tempos. O insuccesso de todas as tentativas feitas pela impiedade

para substituir a moral christã, ahí está a proclamar esta grande verdade: fóra do christianismo não é possível a perfeição individual nem a civilisação.

Mas Deus não se contentou de comunicar uma vez aos homens verdades tão excellentes e tão efficazes; constituiu um magisterio authentico, encarregou a sua Igreja de as ensinar a todos os homens, até á consummação dos seculos. E' a Igreja a depositaria da palavra de Deus e nada annuncia pelos seus sagrados, pelo ensino oral é restricto dos seus Pontifices, dos seus Bispos, dos seus padres e missionarios; pelas vidas dos seus santos, pelas ceremonias e acções liturgicas, emfim por todos os recursos da linguagem humana.

II

Para que a palavra de Deus produza em nós toda a sua maravilhosa efficacia, devemos ouvi-la:

1.^o Como palavra de Deus, e não como palavra de homem.

Por isso devemos escutar os pregadores como se o proprio Deus nos falasse e realmente o bom pregador não annuncia os seus pensamentos e a sua doutrina, mas a doutrina e os pensamentos do proprio Deus.

2.^o Com sentimentos de fé, de desaj, de confusão e de reconhecimento; promptos a crer nos seus ensinamentos e a cumprir os seus preceitos, por mais duros que nos pareçam; desejosos de aproveitar, instruindo-nos, edificando-nos, e não por mera curiosidade, para apreciar o orador ou para outro fim; cheios de confusão por tão pouco fructo haver tirado d'outras pregações; muito agradecidos a Deus que, apesar das nossas resistencias á sua graça e ás suas luzes, continua a fazer-nos pelos seus ministros, o beneficio da sua palavra authentica, auctorisa-la, infallível.

E' assim que muitos a escutam?

Não; e por isso colhem tão poucos fructos.

Escutam-na como palavra profana, promptos a discuti-la, a julgá-la, a condemná-la, se não estiver d'harmonia com o seu parecer ou com as suas paixões.

Se o pregador intima obrigações, acham-nas talvez optimas... para os outros; se elle reprehende vicios e delictos, refere-se sempre aos outros, e nunca a elles.

Isto não é ouvir a palavra de Deus, mas profana-la.

Procuramos ouvi-la com as devidas disposições e ella produzirá em nós abundantes e saltares fructos.

Uma imagem do Coração de Jesus

São muito frequentes as conversões pelos simples quadros do Coração de Jesus. De uma nos recordamos nós agora, que deve excitar a nossa piedade e a nossa devoção.

Estava enfermo certo individuo, que passou seus dias em lucta aberta com as crenças catholicas. Casado com uma santa senhora que o estremecia loucamente, e que daria a propria vida pela sua salvação, sendo preciso, aconselhou-lhe alguém, que collocasse junto do leito do moribundo uma imagem do Coração de Jesus, de modo que elle a pudesse vêr sempre que abrisse os olhos. Seguido este conselho, a esposa christã não tardou em vêr realisaos os effectos da promessa divina.

No fim de dois ou tres dias o moribundo murmurava algumas preces, e perguntando-lhe sua esposa se desejava que lhe chamasse algum padre, respondeu affirmativamente. Veiu o padre, tudo se passou sem o menor inconveniente, mostrando o moribundo desejos de que este o visitasse mais algumas vezes. Por esta occasião pediu a confissão, e confessou-se muito bem, reeebendo em seguida os santos sacramentos com uma piedade edificante.

A gravissima doença do enfermo presagiava a cada momento um desenlace fatal. O padre não lhe abandonava o leito, animando-o e consolando-o, e logo que expirou poude recitar o psalmo *De profundis*. Procurando animar a pobre viuva, esta lhe respondeu: Meu padre, o fim tão christão de meu marido é para mim uma fonte de consolação que jámais seccará. Acompanhar-me-ha até á morte, e até mesmo eu o espero, no céu.

Meu Padre, agradecei a Deus commigo. Esta manhã, ás 7 horas, expirou meu marido, mas hontem á noite ás 9, fazendo signaes para me falar, aproximei-me d'elle, uni os meus ouvidos aos seus labios moribundos e disse-me: «Minha filha tira essa cortina». Mas em que te incomoda ella? «Pois não vêes que está cahida de fórma que me cobre metade do quadro do Coração de Jesus? Foi a vista d'este quadro que me converteu. Sim, foi o amor do Coração de Jesus que triumphou sobre o meu coração. Oh! descobre bem esse precioso quadro, eu quero morrer olhando para elle».

Desprendimento do mundo

S. João de Kenti, padre polaco do século XV, deixou-nos um exemplo maravilhoso de desprendimento dos bens do mundo e de amor á verdade.

Foi quatro vezes em peregrinação ao tumulo dos Apostolos, para seu bem particular e para exemplo de fé e amor á Sé Apostolica.

N'uma d'estas viagens que elle fazia sempre a pé, vieram os ladrões e despojaram-no de tudo que levava.

E perguntado se tinha ainda mais alguma coisa, disse que não.

E logo, recordando-se que trazia ainda na capa algumas moedas, correu atraz dos ladrões, chamando-os e dizendo-lhes que ainda havia mais alguma coisa.

Elles, espantados d'um procedimento tão extraordinario, não só não quizaram aceitar as moedas, senão que lhe entregaram tudo que lhe haviam roubado.

Bella amostra de amor á verdade, que só pela caridade christã podia ser inspirada!

Conselho de um protestante

Dizem de um amigo de Lutero, que sua mãe, chorosa e afflicta, nas ultimas horas da vida o chamou e lhe disse assim:—Filho, eu morro. Mas antes de morrer quero saber se é mais seguro terminar a vida morrendo protestante, ou convertida no caminho da Igreja catholica.

Melanthon, posto que foi sempre um impostor, esta vez affirmou a verdade pura:

—Na Reforma—respondeu sincero—vive-se, ó mãe, com maior soltura; mas para bem morrer...—a Igreja catholica é a segura.

A enthronisação e consagração ao Coração de Jesus

Fim da Enthronisação

O fim da Enthronisação é conseguir que as familias correspondam com amor, reparação e apostolado aos desejos do Sagrado Coração.

I—AMOR

O Sagrado Coração em todas as apparições á Bemaventurada Margarida Maria falou do seu amor aos homens. O Sagrado Coração deu á Bemaventurada a intuição da lei nova que conquista pelo amor, lei caracterizada por S. Paulo com estas palavras: *«Não recebeste o espirito de submissão pelo temor, mas sim o espirito de preferencia das crianças»*.

O Sagrado Coração quer que acreditem no seu amor, e nas suas Promessas. Elle queixa-se de não ser amado.

O seu amor para connosco exige o nosso amor para com Elle.

Pela Enthronisação as familias consagradas prestam esta *reciprocidade de amor*. Podem dizer como S. João *«nós temos conhecido e acreditado no amor que Deus tem por nós e com esta crença respondemos com amor. A'quelle que nos amou primeiro»* (1.ª Ep. de S. João, IV, 16-19).

D'esta forma asseguramo-nos dos thesouros de graças e de beações prometidas pelo Sagrado Coração. Como o amor excita a compaixão, e a compaixão conduz á reparação, estas familias serão pelo seu amor *familias reparadoras*.

II—REPARAÇÃO

A Enthronisação affirma duas grandes ideias de reparação que correspondem exactamente aos dois grandes crimes da nossa época: os attentados contra a familia e os attentados contra a

Soberania do Nosso Senhor, como Rei e Senhor da sociedade Christã.

Repetimos: Jesus Christo é Rei. Ora todo o reino que tem estabilidade baseia-se na auctoridade e no amor.

Pela consagração, isto é, pela submissão livre e amorosa ao sceptro divino o lar domestico consagrado, asylo de fidelidade e confiança, apresenta a Jesus o throno vivo onde Elle exerce a sua soberania de amor. Enthronisado d'esta forma na familia e possuindo ella o amor divino, o soberano Senhor faz ahí a sua morada como «ENTRE OS SEUS», dirigindo e sobrenaturalizando a vida íntima do lar. Elle é o Rei. Reina pois, no lar com o seu amor. E' então que elle recebe a reparação verdadeira pelos ultrages á sua Realeza, pela conspiração das seitas contra a auctoridade paternal, para destruir o lar christão. Ainda mais. O Sagrado Coração pede a Consagração e homenagens das nações. Espera d'ellas um culto nacional, obra difficil mas certa. Elle o disse:—*«Reinarei apesar dos meus inimigos, apesar dos esforços feitos pelos que se me oppõem.»*—*«Se acreditais, verás o poder do meu Coração na magnificencia do meu amor»*. (Palavras de Nosso Senhor á Bemaventurada Margarida Maria).

A humanidade caminha, ainda que não pareça, para o reinado social do Sagrado Coração. Conscientemente ou não, os povos preparam este triumpho final do Conquistador das almas *«do qual o Coração sahirá victorioso pela sua misericordia»*. *Oportet illum regnare!*

Logo, a pequena sociedade da familia, abrindo as portas do lar ao Sagrado Coração de Jesus, entando-lhe de joelhos o hosanna do seu triumpho particular, prepara a Enthronisação publicá, a soberania universal do seu amor e *repara* por esta forma as apostasias dos governos e dos povos.

Lares domésticos de Portugal, é chegada a hora de entrar n'este movimento de reparação.

Mas esta Consagração do lar domestico não deve ser um acto transitorio.

A característica da obra é esta: dirigir e crear no centro da familia, que é o lar, um estado permanente de dedicação e amor ao Sagrado Coração de Jesus.

A Consagração será renovada *frequentemente em familia*, especialmente em cada anniversario da Consagração solemne, nos dias de desgostos e tristezas, e no dia da festa do Sagrado Coração, que será celebrada como verdadeira *festa de familia*, porque se festeja o Rei e amigo de casa.

III—APOSTOLADO

Cada um dos membros da familia consagrada em do conhecimento da graça que lhe fez Jesus deve procurar entre os parentes e amigos outras casas onde o Sagrado Coração possa ser recebido e n'ellas reinar como Senhor e Soberano. Que as aulas publicas, os collegios particulares, as escolas, os circulos d'operarios, os recreatorios, as casas religiosas, todas as obras e associações catholicas se consagrem ao Sagrado Coração de Jesus.

Na crise sacerdotal que atravessa n'este momento a Igreja de Portugal, os

domesticos consagrados serão o vi-
ro de novas vocações que virão pre-
cher as faltas na milicia do Senhor.
Estes larés abençoados nascerão os pa-
-apostolos da gloria do Sagrado Co-
-ão.

Associados da «guarda de honra»,
apostolado da Oração, da Comunhão
adoradora e da Adoração perpetua, da
Santa, das Obras Eucharisticas, das
femininas etc., que já tendes come-
-ado o necessario movimento da Re-
-ação Nacional, não vos esqueçais
palavra divina: «As pessoas que
pagarem esta devoção terão o
nome inscripto no meu coração e
-lle jamais se apagará». Sabei que
vossos merecimentos deante de Deus
umentarão á medida que se multiplica-
-as familias consagradas. Fazei do
do do Sagrado Coração UMA OBRA
-ATICA. Tende confiança no exito d'essa
-empreza tão opportuna. O Gen imprí-
-lhe o signal divino da ressurrei-
-social: o despertar das consciencias,
-augmento maravilhoso de devoção,
-perosas e admiráveis conversões al-
-çadas em todo o mundo, eis os resul-
-tos evidentes d'este Apostolado que,
-respondendo aos sublimes pedidos
-os em Paray-le-Monial, consegue a
-lisação completa das Promessas divi-

É preciso não esquecer que esta obra,
no todo o apostolado, tem uma recom-
-sa e que esta foi promettida clara-
-te mesmo n'esta vida, em Paray-le-
-al. Muitas vezes a presença de Jesus,
-sagração feita no lar domestico,
-um dos membros está morto espiri-
-mente e um prodigo deixou o lugar
-terá como consequencia encontrar
-na perdida e alegrar a familia de cuja
-gração resultou este grande milagre.
-ncipalmente esta a ideia mais frisan-
-vez, da exposição da obra da En-
-sisação feita pelo R. P. Mateo em to-
-as suas conferências. Os numerosos
-mplos de conversões e de graças ex-
-ordinarias que elle conta, provam que
-lithronisação é desejada e abençoada
-Deus.

Virtude premiada

Alguns annos antes da sua morte,
-tido II, rei das duas Sicilias, re-
-ava de Roma a Napolés com seu fi-
-que depois foi Francisco II.
-uardava rigoroso incognito e munda-
-muitas vezes os cavallos da carrua-
-para esta não se demora em ne-
-parte. Tal era a velocidade, que
-das do carro começavam de arder.
-necessario parar, a fim de as repa-
-os estragos.
-entretanto foi o rei a uma peque-
-alagem tomar um refresco, e sen-
-com seu filho á meza.
-ra n'uma sexta-feira, e estava mui-
-to. As attentões do rei incidiram
-em um joven d'uns 18 annos, que co-
-me magro enquanto os outros todos
-m de gordo e desfechavam sobre o
-papaz uma enfiada de insultos.
-pequenô, em vez de se acobardar,
-ndia com dignidade que nunca se
-de envergonhar de prestar homa-
-a sua creança.
-pois de o ouvir por algum tempo,

o illustre viajante tomou á sua conta o
defendê-lo e bem depressa impoz silen-
-cio aos circumstantes.

Veio aviso de que a carruagem esta-
-va prompta, e o rei, chamando á parte
o bom do joven, perguntou-lhe se ia á
Napolés e com que intuito.

—Vou a Napolés, senhor, para obe-
-decer, e para me alistar no exercito de
Fernando. Sou Florentino, mas prefiro
Napolés. Na Toscana, a religião e os bons
costumes são pouco respeitados.

—Bem, disse o rei, está aqui um ho-
-mem que te pode servir. E metteu-lhe
na mão um documento em que o fazia
tenente-coronel.

Entre compadres :

—O compadre, venho pedir-lhe um fa-
-vor. E' emprestar-me o seu burro para
ir ver as eiras, porque o meu está man-
-co ha tres dias.

—Compadre, sinto muito não poder
servi-lo, pois meu sogro levou o burro
esta manhã.

(Ouve-se dentro zurrar o animal).

—Seja franco; o burro está na cór-
-te, porque o ouço zurrar, compadre.

—O que eu estranho, compadre, é
que dê mais credito á palavra do burro
do que á minha. E' porisso que lh'o não
empresto.

CONVERSANDO ...

Antoninho, filho de paes indifferen-
-tes em materia religiosa, conseguiu, de-
-pois de muito pedir a sua mamã, licença
para ir á catechese com o seu amigo
João, seu visinho. De volta, trouxe como
recordação uma cartilha que o sr. Viga-
-rio lhe deu, que foi lér muito satisfeito
e com muita attenção. O pae, que o vira
lér com socego, perguntou-lhe:

—Tonéca, que estás a lér? que livro
é esse? já estudaeste as lições?

—Já, sim, papá.

—Mas que livro é esse? deixa vêr...
Quem te deu isto?

—Deram-m'o na Igreja.

—Quém?

—O sr. Vigario; e disse que era pa-
-ra lér e estudar a doutrina.

—Então que te perguntaram?

—Se algum dia tinha ido á doutrina
e se gostava de ir á Igreja.

—E não te trataram mal?

—Não, papá. O sr. Vigario assenteu-
-me ao pé d'elle e ria-se para mim; mui-
-to satisfeito de eu lá ir. Ensinou-me a
fazer uma cruz na testa, uma na bocca
e outra no peito.

—E vão lá muitas creanças como tu?

—Vão, sim, papá. E muitos paes que
acompanham os filhos á igreja ouvem
tambem a doutrina que os seus filhos
aprendem e as respostas que dão ao sr.
Vigario quando os interroga.

—Já sabes muito?

—Parece que sim, papá. Eu não sa-
-bia nada, mas o sr. Vigario respondia
pôr mim e eu aprendia. Prometteu-me
prêmios e coisas muito lindas para eu
estudar.

N'esta altura, o pae do Antoninho fi-
-cou um pouco impressionado com as suas
respostas, as quaes lhe recordaram os
tempos da sua infancia. Depois de Anto-
-ninho ter frequentado a catechese alguns

domingos successivos, quiz o pae vêr o
seu adiantamento e, elle proprio, pegan-
-do na cartilha, o interrogou.

Antoninho respondia d'uma forma
admiravel, abysmando o pae que come-
-çava de sentir remorsos da sua vida. Via-
-se humilhado e pequeno perante o seu
filho e, retirando-se, chorou amargamen-
-te a vida que até alli tivera, arrependen-
-do-se e formando o proposito de no
domingo seguinte ir com sua esposa e fi-
-lho á igreja, confessarem-se e commun-
-garem.

Ora, quem diria que este pae, ha tan-
-to tempo desviado das leis da Igreja e
de Deus, odiando os seus ministros, ha-
-via de converter-se com o exemplo de
seu proprio filho.

Vêde como o catecismo é a luz do
arrependimento, a luz das verdades ca-
-tholicas e a paz das consciencias.

Fallae sempre, em vossas casas e fó-
-ra d'ellas, no catecismo e suas verdades,
pois se muitos o sabem, maior é o nu-
-mero dos que o desconhecem ou esque-
-ceram.

Quantos paes que, muitas vezes pe-
-los seus afazeres e a maior parte por
descuido, não assistem ás praticas reli-
-giosas do catecismo e que, ouvindo os
seus filhos em casa a falar de doutrina,
recordam-se do que aprenderam em cre-
-ança? Cada um em suas casas pode ser
um bom catechista e não só lá, mas em
toda a parte.

As tres urnas

Um dia o rei Nemrod mandou cha-
-mar os seus tres filhos para que viessem
á sua presença e apresentou-lhes tres
urnas fechadas, nas mãos de tres escr-
-vos. Uma d'estas era de ouro, a outra
de ambar, e a ultima de barro. O rei
disse ao primogenito de seus filhos que
escolhesse entre as urnas a que lhe pa-
-recesse conter o thesouro de mais valor.

O primogenito escolheu a de ouro,
na qual estava escripta a palavra «im-
-perio»; abriu-a e encontrou a cheia de
sangue.

O segundo tomou a urna de ambar,
onde estava escripto «gloria»; abriu-a
e encontrou-a cheia das cinzas dos ho-
-mens que tinham tido grande renome
no mundo.

O terceiro tomou a urna que resta-
-va, e era a de barro; abriu-a, e encon-
-trou-a vazia; mas no fundo ha-se um
dos nomes de Deus.

—Qual d'essas urnas peza mais? per-
-guntou o rei á corte.

Os amblicipos responderam que era
a urna de ouro; os poetas e conquista-
-dores, que era a urna de ambar; os sa-
-bios, que era a urna vazia, porque uma
só letrá do nome de Deus valia mais
que o globo da terra.

Lamartine, que refere esta tradição
na sua «Historia da Turchia», accrescen-
-ta:

«Seguintes a opinião d'estes ultimos
sabios se julgamos que as coisas gran-
-des só são grandes pela divindade que
encerram; e que quando o Arbitro Su-
-premo julgar a insignificancia das nos-
-sas accões, das nossas vaidades e das
nossas glorias, só poderá glorificar o
seu nome».

Santo Protector para o mez de março

S. João José da Cruz, da 1.^a Ordem, nasceu em Ischia, reino de Nápoles, no anno de 1664, dia d'Assumpção.

Lógó desde a infancia lhe cresceram no coração as flores miúdas d'aquellas virtudes em que mais tarde havia de ser tão admiravel.

Rematando os seus estudos aos 16 annos, redobrou de brações e austeridades para conhecer a vontade de Deus.

Nosso Senhor levou-o para a Ordem de S. Francisco e alistou-o entre os franciscanos de Nápoles.

Foi então que elle deu azas ao seu espirito para se abrir só á oração, á pobreza e á penitencia, que foram as suas virtudes caracteristicas.

Deus premiou-lh'as ainda cá no mundo, como depressa se pode reconhecer nos continuos extases, no dom de conhecer os corações, no espirito prophético, nas muitas curas e conversões operadas milagrosamente.

Morreu aos 80 annos, no dia 5 de março de 1734, contemplando a imagem de Maria, a quem tanto amara.

A scena passa-se na Mandchuria durante um dos pequenos armistícios que houve no decorrer da ultima campanha russo japoneza, e os quaes permittiam aos soldados dos postos avançados dos dois exercitos o conversarem uns com os outros.

Um gigantesco *mujik* e um japoncito entretem-se a palrar:

—Mas, diz o primeiro com certa ingenuidade, qual o motivo porque sois sempre vencedores e nós somos sempre vencidos?

—E' por causa da nossa intelligencia! disse com um tique de chança o filho do Sol Levante.

O *mujik* abriu muito os olhos e perguntou:

—Mas que é isso de intelligencia?

—Eu te ensino. E o japoncz, vendo uma grande mesa, espalma sobre ella a mão e diz ao russo:

—Bate com força.

O gigante levanta o punho e despe um murro com violencia, mas, de repente, solta um grito de dôr. E' que o japoncz retirára a mão, e o punho do *mujik* batera pesadamente na mesa.

No entretanto o russo fica fazendo ideia do que era a intelligencia, pelo que voltou muito satisfeito para o acampamento, onde disse aos camaradas:

—Já sei pelo que os japonezes vencem sempre. E' por causa da intelligencia!

Egual espanto da parte dos ditos camaradas, que, em côro, perguntam o que isso é.

Então o *mujik*, importante e risinho, procura uma mesa ou um movel semelhante, e, não o encontrando, colloca a mão sobre a sua propria face e diz a um outro soldado:

—Bate com força!

Um pesado murro cae-lhe sobre a cara, ao mesmo tempo que o *mujik* retirando a mão, fica triumphante... a escorrer sangue.

Ora, dizem os polacos, é está a intelligencia dos camponios russos.

Porque se deve frequentar a Igreja?

Responde a esta pergunta um eminente escriptor francez, Henrique Lavedan:

«Porque a Igreja é tudo. Era dentro d'ella que se vivia na idade média. A Igreja não é sómente a casa de Deus mas a dos homens. Podemos entrar alli como em nossa casa, e em nenhuma outra parte nos sentimos mais livres, menõs prisioneiros de desgostos e cuidados. E' um refugio, um asylo, um retiro. E' o claustro do homem viador, o mosteiro d'um minuto ou d'uma hora. Alli se espera sempre alguma coisa que vem de cima.

Já pensastes alguma vez no que seria a vida se, bruscamente, todas as Igrejas deixassem de existir? Se não mais soubessemos onde ir, já não digo para orar, mas para pensar, para repousar o espirito, repousar o coração, procurar um conselho?

E, enfim, onde se poderia chorar sem vergonha, com tanta confiança, em meio de tanta dôr?

A Igreja é o lugar que encerra e reúne em si o maior numero de recordações preciosas e queridas, baptismos, matrimonios, defunções.

A Igreja é necessaria, indispensavel; o que ella tem de mais admiravel é que, quando de lá saímos, sempre nos sentimos melhores ou menos maus do que antes de n'ella entrar.»

A filha de Maria e um velho general

Perguntava um dia certo individuo a um velho general:

—Como passando v. ex.^a toda a sua vida no campo, vem todas as semanas fazer também a sua communhão?

—Meu caro, responde o bravo soldado, o que é mais curioso é que me encontro completamente mudado pelo prégado, e nunca elle me diãse uma palavra de religião.

—Como?

—Depois das minhas campanhas, Deus deu-me uma mulher piedosa de quem respeitava a fé, sem todavia partilhar d'ella. Fazia parte de todas as congregações da sua parochia, e a sua assignatura era sempre seguida d'este titulo: *Filha de Maria*. Nunca me disse uma palavra sobre Deus, mas lia-lhe no rosto o seu pensamento. Quando orava, de manhã e á noite, seus olhos pareciam-me illuminados pela fé e pelo amor. Quando regressava da Igreja, onde ia commungar, com uma doçura, com uma paciencia que tinha o que quer que fosse da serenidade do céu, era um anjo. Quando me prodigalisava os seus carinhos e cuidados e pensava minhas chagas, era uma irmã de caridade. De repente sinto, não sei como, o desejo de amar o Deus que minha mulher tanto amava, e que lhe inspirava as dôces virtudes que faziam o encanto da minha vida, a dedicação de que meus velhos dias tanto precisavam. Um dia, eu que ainda me não sentia com muita fé, tão extranho ás praticas da religião, tão afastado dos sacramen-

tos, digo-lhe: «Leva-me hoje ao teu confessor».

«Pelo ministerio d'este homem de Deus e pela graça divina, julgo-me um ente feliz».

Eis o que pôde, no lar domestico, o apostolado de uma mulher christã.

UM ENTERRO CIVIL

Não ha nada que mais me punja a alma, me infunda mais horror, que essa coisa, sem nome e sem perdão: d'um morto a criminoso exhibição em livre pensador!

Que sinistra tragedia, no profundo mysterio d'esse esquife, vogando das tormentas d'este mundo pra as bonancosas regiões do além em guerra contra Deus! Fantástico comparsa d'um entremez de atheus!

+E sempre qualquer coisa de grotesco... A nota do infalível picareasco a destacar-se bem!

Ha dias passou um por pé de mim, que fiquei abismada! Na duvida se aquillo que alli ja era um enterro... ou hites, se seria alguma mascarada!...

Todos os homens iam enfeitados, no chapéu e no braço, com laçarotes verdés e encarnados. O mulhero, então, n'uma gralhada estoiva, desordeira, provocava os passantes, de grande brincadeira!

E n'uma bandeirola, tosca, exótica, via-se esta legenda *patriótica*: «Depois da morte... o nada»

Sómente, junto ao corpo caminhando, um ancião de aspecto venerando contrastava, n'um bello exemplo opposto, de luto e de tristeza. Nas expressivas contrações do rosto, traduzia-se o intimo desgosto de toda aquella scena revoltante!... —Ou... quem sabe?... se a tetrica visão da sua propria final exhibição em quadro semelhante!

Mécia Mousinha d'Albuquerque.

Calendario religioso da semana

Fevereiro

Domingo da Sexagesima, 23
Santa Margarida de Coruña.

(Quarto minguante á 1 e 48 m.)

Segunda-feira, 24 — S. Mathias, Apóstolo.

Terça-feira, 25 — S. Victorino, M.

Quarta-feira, 26 — S. Torquato, bispo de Braga.

Quinta-feira, 27 — S. Leandro, M.

Sexta-feira, 28 — S. Romão, Ab. de.

(Os peccados e quem tem os indultos dispensados da abstinencia).

Março

Sabbado, 1 — S. Rozende, M., P. tuguez.

A desgraça assemelha-se á mo-tanha negra de Bember, nas extremidades do paiz ardente de Lalore: em tanto que vós subis, não desadiante de vós senão estes rochedos: mas quando chegades a sumidade, percebeis o ceu sobre vossa cabeça, e a vossos pés o no de Cachemira.